

# O SÉCULO desmascarado

O chamado órgão das forças vivas apenas tem defendido, na sua campanha sobre o caso Angola e Metrópole, os falsários e exploradores do Banco Ultramarino, Banco de Portugal, casas Burnay e Fonseca, Santos & Viana, de quem dependem os "meneurs" Pereira da Rosa e Carlos de Oliveira

Aquela gente das «forças vivas» só tem um poder—o dinheiro. A União dos Intéresses Económicos, que muita gente julga ser uma classe organizada, não passa dum tabuleiro e dum jornal que é grande, que tem uma forte expansão porque já o era assim antes do grupelho que hoje o maneja o tomar de assalto.

Por detrás daquele jornal, que finge pregar uma doutrina de regeneração económica e política, não existe uma força organizada, unida numa estrita solidariedade, animada de qualquer ideal. Não, nada disso. Por detrás do *Século* há apenas um conflito de interesses mesquinhos e dois cavalheiros a dominar: Pereira da Rosa e Carlos de Oliveira.

O primeiro não possui cultura, nem moral, nem categoria para se apresentar como dirigente dum colectividade que pretende, como se diz, remodelar a sociedade capitalista num sentido de melhores garantias para o comércio e a indústria. Ele domina por esperteza e porque a maioria das chamadas forças económicas, sem energia, evitada de indiferentismo, não intervém e não o reduz às suas justas proporções, que bem diminutas são. O outro, o Carlos de Oliveira, é um aventureiro esperto e nômade que foi chefe dos civis na revolução sidoniana e que estando envolvido no movimento abrista não foi, segundo as queixas dos corregidórios, duma solidariedade muito recta para com os que depois cairam na prisão. Além disso é empregado da casa Burnay.

São estas duas criaturas que, instaladas ali na redacção de um dos maiores jornais do país, manejam essa força considerável que é a imprensa e establecem um ambiente anti-social de mentira, de confusão, de desmoralização máxima que favorece os seus baixos interesses e os baixos interesses de que são mandatários.

## O enigma de dois sueltos do «Século»

Para bem se compreender o que é o grande escândalo do Angola e Metrópole é necessário fazer-se a história da campanha do *Século*. Ela é longa, mas tão cheia de peripécias curiosas, concludentes que o leitor dará por bem empregado o tempo gasto na sua leitura.

Históriemos, pois, com a máxima clareza, para que nem um facto escape à apreciação dos acontecimentos alarmantes dos últimos meses.

O dr. Lobo de Avila Lima, director do Banco de Portugal, que os suspeitíssimos colegas afastaram do seu lugar pela maneira desaforada a que aludimos há dias, pertencia à Companhia de Seguros Sagres e tinha nessa, como seu colega, um dos directores da Sociedade Industrial Aliança. Esta possui 3.500 acções da empresa do jornal *O Século* e deseja vendê-las.

El porque motivo quer a Aliança vender essas acções, abandonando uma posição vantajosa que pode dar-lhe a maioria nas assembleias gerais do *Século*, o que lhe facilitaria correr a pontapés João Pereira da Rosa e Carlos de Oliveira, seus figadões inimigos? Porque está farta de atuar o domínio desse numeroso grupo de dois (P. Rosa e C. de Oliveira) que tomou de assalto o jornal onde faz o que lhe apetece.

O dr. Lobo de Avila Lima, sabendo do desejo da Aliança, foi oferecer a 3.500 acções ao Banco de Angola e Metrópole, que era então dos mais fortes, dos mais acreditados estabelecimentos bancários do país. O Angola e Metrópole ponderou o negócio e para ultimá-lo quis informações sobre as condições financeiras da empresa do *Século*.

Dirigiu-se Lobo de Avila àquele jornal no intuito de obtê-las. Ali declarou que as informações que pedia se destinavam a uma firma holandesa que se interessava por causa de Portugal. Facilmente os homens do *Século* compreenderam que se tratava

## A última manobra dos sindicatos scisionistas

Há uma grande desculpa quando, nessa terra, se praticam erros injustificáveis: é o alegar-se que em França se faz ou se fez a mesma coisa, como se a gente andasse no mundo por ver andar os franceses! A cisão que se tentou realizar no movimento operário português ocorreu-se, à falta de outros argumentos, da desculpa suprema de em França existirem nada menos de três centrais autónomas e ser isso razão de peso para em Portugal passarem a existir pelo menos duas.

E' com este argumento que os cisionistas supõem absolver a sua consciência agora que vão dar retiques supremo do erro que perpetraram, na sua obra de destruição da unidade operária que não deixa de corresponder ao enfraquecimento dos meios de acção da classe trabalhadora em face dum burguesia unida e forte.

Em primeiro lugar a cisão do movimento operário francês foi provocada pela guerra que levou a C. G. T. a abandonar a sua orientação revolucionária e a tornar-se colaboradora dos governos e das classes burguesas, consentindo até que o seu secretário geral, Leão Johaux, andasse de braço dado com a Sociedade das Nações, fortaleza do capitalismo europeu, por meio da famosa Repartição Internacional do Trabalho e seus luxuosos bonifícates. A cisão surgiu em face da orientação reformista e ainda devido à circunstância dos dirigentes da velha C. G. T. da rua de Lafayette terem escorregado os sindicatos que permaneciam fieis à tendência revolucionária do sindicalismo francês. Vendo-se violentamente postos na rua e divididos dos sindicatos que obedeciam às sugestões do socialismo democrata, não tiveram outro remédio senão fundar outro organismo central, visto que assim o exigiam os interesses das associações que Leão Johaux tinha iniquamente atirado pela janela. A nova C. G. T.—a C. G. T. unitária—conservou a princípio integras as tradições do sindicalismo revolucionário francês, mas o partido comunista aproveitando-se manhosamente da sugestão russa conseguiu infiltrar-se dentro do novo organismo e fazer vingar a adesão de Moscúvia. Por fim a C. G. T. Unitária perdeu a sua autonomia, tornando-se numa sucursal do Partido Comunista. Era de comunistas a maioria dos seus mili-

tantes e os métodos passaram a ser comunistas. O entendimento entre o partido comunista e a C. G. T. U. chegou a fazer-se por simples comunicações telefónicas. Onde a política se mete o vírus da desorganização introduz-se. E ai temos a terceira cisão feita desta vez por aqueles que continuam desejando um movimento operário independente da tutela diretorial e nefasta dos partidos políticos.

Ora o que se tem passado em Portugal, não tem a mínima comparação com o que ocorreu em França. Em primeiro lugar o sindicalismo português, que repousa em dois princípios: o da luta de classes e o de acção directa, não se modificou, mantendo a actual C. G. T. a orientação que ao movimento operário tinha últimamente imprimido a extinta União Operária Nacional. Em todos os congressos efectuados a organização operária manteve sempre os mesmos princípios sindicalistas revolucionários. A sugestão russa não deixou de exercer-se mas só conseguiu desviar um pequeno número de sindicatos. Contudo, ninguém pensou em afastá-los; eles é que se retiraram convenientemente de que o proletariado português não estava disposto a abdicar da sua independência e que nunca seriam empurrados para a rua, como conviria aos seus cisionistas objectivos.

A cisão que vai agora definir-se abertamente com a conferência dos sindicatos cujos militantes são partidários da I. S. V. tem o objectivo de criar um novo organismo nacional. Vendo-se violentamente postos na rua e divididos dos sindicatos que obedeciam às sugestões do socialismo democrata, não tiveram outro remédio senão fundar outro organismo central, visto que assim o exigiam os interesses das associações que Leão Johaux tinha iniquamente atirado pela janela. A nova C. G. T.—a C. G. T. unitária—conservou a princípio integras as tradições do sindicalismo revolucionário francês, mas o partido comunista aproveitando-se manhosamente da sugestão russa conseguiu infiltrar-se dentro do novo organismo e fazer vingar a adesão de Moscúvia. Por fim a C. G. T. Unitária perdeu a sua autonomia, tornando-se numa sucursal do Partido Comunista. Era de comunistas a maioria dos seus mili-

## O que Mr. Waterlow não disse poderia causar certos transtornos às investigações portuguesas

De todos os representantes da imprensa que anteontem foram ouvir as declarações de Mr. Waterlow, o mais feliz foi o sr. Diário de Notícias. Para ele foi o sr. Waterlow mais pródigo em palavras, bem medidas, bastante britânicas, mas mais esclarecedoras. Pelo que o sr. Waterlow disse ao representante do aludido jornal achavam-se muita coisa que ele não disse.

Devem essas declarações ser lidas com atenção. O sr. Alves Ferreira já as leu também e terá dito para consigo que o sr. Waterlow, numa dízida de preciso, falou demasiado...

Transcrevemos a seguir a parte mais interessante da entrevista que o sr. William Waterlow concedeu ao Diário de Notícias:

«Convicto e humanizando-se cada vez mais, M. Waterlow acrescenta:

—Digo isto, porque a minha casa, que fabrica as notas de uma libra e 10 shillings que circulam em toda a Inglaterra e todo o mundo, os selos do correio para todos os domínios do Império Britânico, notas, papéis de crédito e selos para dezenas de nações, gozando, por isso, da confiança absoluta do governo inglês e de tantos mais, não arriscaria o seu bom nome e seus créditos num negócio escuro desta natureza.

—Mas, perdão, ninguém está livre de que um empregado, um homem de confiança de sua casa possa num momento traí-la...

É possível que M. Waterlow não atingisse bem o reparo que formulámos desta maneira, em nome de certa opinião pública portuguesa que discutiu, sem motivos, a Marang, ele só pode explicar o fio desta meada complicadíssima. Ele é que, se falar e disse errado, não arrepende. A sua resposta foi:

Todos os empregados da casa Waterlow, para nela serem admitidos e nela gozarem de confiança, precisam ter uma vida inteira de probidade e as informações do seu carácter serem de tal forma escrupulosas, que não posso aceitar, nem por sombras, essa hipótese.

Ele respondeu que não temos a menor prova de que o senhor julga que não temos a nossa polícia? Que não fizemos também as nossas investigações? Que, se estivéssemos convencidos que alguém da nossa casa prevaricava, não estávamos a estas horas a ferros, numa cadeia inglesa?

Continuamos:

—Mas então foi a sua casa iludida...

A resposta agora, não é directa:

—O senhor Marang ao entregar-nos os contratos, era portador dum credencial, da qual nada nos levava, nesse momento, a duvidar. Tinhamos delas as melhores informações, entre elas a duma causa nossa concreta, que o cobriu de vaios por él ser desarmado e não querer fazer justiça de fum.

O sr. Waterlow terá observado tudo. Deve ter sorrido perante a sagacidade salojo do magistrado que ora conduz as investigações e que logo se apressou a descobrir (era o que convinha) que as assinaturas que os peritos ingleses consideraram boas eram afinal—ora vejam... —grosseras falsificações.

—Mas, no entanto, as assinaturas dos contrários eram falsificadas. Porque não as verificaram os seus peritos?

—As assinaturas eram idênticas às que já conhecemos. Ninguém pode estar constantemente a verificar escrupulosamente assi-

naturas que lhe são familiares. Fazem-no os próprios notários? E depois, não nos chegam elas, às nossas mãos, já reconhecidas por um notário, e por quatro cónsules? Para nós, todas as formalidades estavam cumpridas.

E aí em boa conversa, já à vontade;

—Além de que, este caso é inédito. Nunca sucedera antes disso em nenhum país. Agora, depois do conhecimento dos factos, é que se nos lembram de imputar responsabilidades morais mesmo, de coisas que elementarmente ninguém nunca praticou em situações normais. Para nós, tudo estava em regra, repito.

M. Muir, do lado, mete a sua colherada também:

—Se os tribunais ingleses houvessem de pronunciar-se sobre os contratos, com ou sem assinaturas falsificadas, mas devidamente reconhecidas, davam-nos como bons, para o efeito de Waterlow & Sons ficar ilibada de toda e qualquer culpa.

És para M. Waterlow, aproveitando a sua boa disposição:

—É igual a sua opinião pessoal em todo este assunto?

—A minha opinião, se lha dissesse, não traria de vantagens as averiguações das autoridades portuguesas, nem ao menos de que a sua miséria ao ponto de parecer que vivem no melhor dos mundos.

Por todas essas razões e por outras que omitimos por desnecessárias no Congresso dos Mutilados da Guerra, deviam figurar todas as suas reclamações, especialmente a que trata de garantir aos mutilados o direito de existência, miseravelmente negado por aqueles que mais beneficiaram com a guerra.

No lugar das recepções e outras laranjas oficiais, no lábaro das reclamações dos mutilados devia figurar a que concerne à lei 1.777, e em especial ao seu artigo 4.º. Devia figurar esta porque foi ela que mais vezes forçou esses desgraçados a correrem ao Parlamento para pedir, suplicar mesmo, que fosse aclarado esse diploma na parte que se refere à revisão de processos. Essa reclamação, por si só, constitui um formidável libelo contra os aduladores de hoje dos mutilados, ontem insensíveis a todo e sór��o grande lição para os mutilados.

Essa saída, embora se afigure a alguma como paradoxal, não significa a mais leve concordância com a organização da magna reunião dos mutilados da guerra.

E não significa concordância porque entendemos que esse congresso devia ter um cunho mais patriótico, para ter uma feição revindicadora, mesmo aguerrida até.

Oito anos de dolorosa expectativa foram suficientes para provarem aos congressistas que os homens que nos governam nenhuma importância ligam à sua situação.

Oito anos de constantes canseiras provaram bem até onde chega a insensibilidade moral de muitos dos causadores da medíocre hectaribe de 1914. Oito anos de horrível sofrimento disseram bem dos propósitos de muitos dos cavalheiros que se apressaram para marchar para Coimbra com representações oficiais. Oito anos de permanente martírio, acaso não redundaram numa grande lição para os mutilados?

De todo o desprêzo votado à situação dos mutilados falam com esmagadora eloqüência essas manifestações que todos os meses se dirigiam ao Parlamento clamando que os mutilados fossem garantida a existência. De toda essa indiferença falam bem alto os protestos a que demos publicidade nos sete anos da nossa existência.

Pois são os pobres mutilados que durante oito anos arrastaram um viver triste e desgraçado, que vão dar à sua reunião magna um cunho de patriotismo, como se a Pátria algum dia se lembrasse deles. São ainda esses espectros, que Lisboa viu atravessar num cortejo macabro, que olvidaram

que ele praticou no Banco de Seguros, sorri também—e compreende logo a razão porque um homem de tanta «lisura e correção» descobriu rapidamente—conforme de sejava o governo, o *Século* e o Banco de Portugal—que as assinaturas de Inocêncio eram falsas.

Gratas recordações leva o sr. Waterlow de Portugal—não haja dúvida... .

## A feição patriótica do Congresso dos Mutilados não se ajusta com o desprêzo que a "pátria" votou aos seus servidores

Na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra inaugura amanhã os seus trabalhos o 1.º Congresso Nacional dos Mutilados Inválidos da Guerra. É a primeira manifestação colectiva dos que tomaram feridos ou caíram estropiados nas gelidas terras da Flandres e nas ardentes plagas africanas. Por esse motivo mesmo, *A Batalha*, que foi sempre uma tribuna aberta aos queixumes dos mutilados contra o desprêzo que os governos e parlamentares lhes votaram, saúda igualmente o Congresso que os

dam por momentos a fome que os atormenta, que mascaram a sua miséria ao ponto de parecer que vivem no melhor dos mundos.

Por todas essas razões e por outras que omitimos por desnecessárias no Congresso dos Mutilados da Guerra, deviam figurar todas as suas reclamações, especialmente a que trata de garantir aos mutilados o direito de existência, miseravelmente negado por aqueles que mais beneficiaram com a guerra.

No lugar das recepções e outras laranjas oficiais, no lábaro das reclamações dos mutilados devia figurar a que concerne à lei 1.777, e em especial ao seu artigo 4.º. Devia figurar esta porque foi ela que mais vezes forçou esses desgraçados a correrem ao Parlamento para pedir, suplicar mesmo, que fosse aclarado esse diploma na parte que se refere à revisão de processos. Essa reclamação, por si só, constitui um formidável libelo contra os aduladores de hoje dos mutilados, ontem insensíveis a todo e sórifico grande lição para os mutilados?

A revisão dos processos, não só foi um dos maiores crimes contra a miséria dos estropiados, como até, por vezes, tomou um caráter verdadeiramente anti-humano. Processos houve que foram revistos cinco e seis vezes. Em bom critério jurídico, logo que se fizesse a primeira revisão passariam a situação demarcada pelos revisores. Em Portugal não se fez assim, porque não merecia atenção a sorte dos infelizes. Reviu-se mais do que uma vez um processo, para se chegar a conclusão favorável. Todavia o interessado não melhorava de situação. Todavia a tortura não afrouxava!

Meses e meses se passaram neste ramerão e ainda hoje a lei 1.777 não está aclarada de maneira a garantir uma existência de sossêgo, já que lhes foi roubado o melhor da sua vida: a saúde.

Mas mesmo que não houvesse os inconvenientes a que fizemos menção, havia ainda a situação a que foram votados os mutilados pelos nossos governos: uns esmolando pela cidade, outros internados numa hipótese de hospital aguardam ali, sob um regime degradante, que a morte os leve para outro lugar bem mais tranquilo do que aquele onde estão.

Bem digna de melhor sorte era essa feição, assim como melhor aproveitado poderia ser o Congresso da Sala dos Capelos, onde não faltariam aos mutilados as processas que foram o pão nosso dos dias que decorreram de há oito anos!

## Notas & Comentários

### Processos... penais

A Colónia Agrícola Penal de Sintra, pelos modos, não tem em atenção que os presos que nela trabalham precisam de ser convenientemente alimentados. Sem comer, não se pode trabalhar. Não o entendem assim as pessoas que superintendem naquela colónia penal. E é ainda para vincarem melhor o critério de que o ar deve ser o único alimento das que lá trabalham, castigam os que se queixam da deficiente alimentação que lhes é dada. Assim procederam ultimamente para com Francisco da Silva, metendo-o numa prisão subterrânea, só porque se queixou que o estavam matando à fome. Isto só prova que há na Colónia Penal quem entenda que a pena de morte deve ser aplicada aos presos, sob a forma odiosa duma tortura lenta.

### Os bombeiros

Do comando dos Bombeiros Municipais recebemos um cativante ofício agradecendo-nos, em nome de todo o pessoal daquela corporação, a cooperação que demos à festa que ultimamente se realizou no Coíliso.

E' nos grato que a corporação dos Bombeiros Municipais reconheça a simpatia que este jornal nutre pela sua benemerita missão, tanto mais que há corporações que só se lembram dele quando necessitam do seu auxílio.

## Os bolxevistas falsificadores de notas

O Correio da Manhã, em vez de esprometer os tumores da vida interna das fileiras monárquicas, sacudindo o egoísmo dos seus financeiros que não dão a pecúnia necessária para os que ainda querem restaurar o regime deposto, mete-se em altas cavalarias internacionais donde sai estropeado e mal visto. Imaginem os leitores que a iracunda folhinha monárquica descobriu que a emissão clandestina de 300.000 contos em notas de 500 escudos era uma tenebrosa maquinção bolxevista. E para alarmares ainda mais os seus reaccionários e espantadiços leitores afirma que os bolxevistas fazem moeda falsa em quase todos os países do mundo, tendo como objectivo realizar a subversão da actual ordem de coisas existente. Esta ideia de implantar a revolução social sobre um pedestal de notas falsas é bem digna dos partidários dumha sociedade de banqueiros. Sómente, não é verdadeira, a não ser que o sr. Inocente Camacho seja agente bolxevista e bolxevistas sejam também os restantes dirigentes do Banco de Portugal que são, na sua maioria, corregionários do Correio da Manhã.

Resta-nos também saber se as falsificações de notas feitas na Hungria, pelos partidários do restabelecimento da monarquia daquele país, serão também de agentes bolxevistas. Então, agora, os monárquicos também são bolxevistas? A tolice é flagrante. Quiseram atirar-nos com lama, e ela, afinal de contas, foi escarrapachar-se na cara dos que imbecilmente nos atacaram.

A falsificação de notas, ainda a admitir-se como manobra bolxevista, implicaria afirmar-se que a casa Waterloo é agente dos bolxevistas, no que ninguém acredita pois ela tem a confiança do governo inglês que é um governo de conservadores.

Quem falsifica notas é a sociedade burguesa e na Hungria só os monárquicos mais categorizados. Se o Correio da Manhã estivesse caladinho...

## O APOIO Á CAMPANHA DE A BATALHA

Da Federação Anarquista da Região do Sul de Portugal recebemos um ofício saudando o director e o corpo redatorial de A Batalha e incitando-os a não fraquejar na sua campanha contra os ladrões da alta finança.

A Associação de Classe dos Pedreiros de Évora reunida em assembleia geral, aprovou uma moção de saudação à Batalha pela sua campanha, incitando-a a prosseguir no seu ataque contra os exploradores do operariado. Foi também aprovado um protesto contra a atitude assumida por João Pereira da Rosa.

O sr. José Maria Ferreira, oficial de administração do concelho de Fornos de Algodres, enviou-nos uma carta felicitando a Batalha pela sua campanha.

A secção profissional dos estucadores do Sindicato da Construção Civil, em reunião da assembleia geral, aprovou uma saudação ao nosso jornal pela campanha que levantámos contra os escândalos da alta finança.

Em reunião do conselho federal da Federação do Livro, Jornal e Similares, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1º Ratificar a saudação feita pelo Secretariado à Batalha pela orientação que tem mantido, na campanha contra os escândalos da alta finança.

2º Que os delegados ao Conselho Federal pautem a sua atitude no incidente que ali se vem derinando em conformidade com a doutrina desta moção.

3º Saúda o corpo redatorial de A Batalha e incita-lo a prosseguir em campanhas que tenham por objectivo o ataque ao sistema estadual-político-financeiro.

Do sindicato do pessoal da Exploração do Porto de Lisboa, recebemos o seguinte ofício que passamos a publicar:

«Corpos gerentes desse sindicato refugiados conjuntamente aprovaram uma saudação ao director e ao corpo redatorial de A Batalha pela notável e grandiosa campanha levada a efecto contra os falsários da finança e fizeram votos para que A Batalha prossiga, sem desfalcamentos, para a descoberto as mazelas dessa sociedade corrupta.»

### O processo dos falsificadores húngaros

BUDAPEST. 15.—Corre que os culpados na fabricação e passagem de notas falsas serão pronunciados pelos crimes seguintes: falsificação de notas; provocação à falsificação; fazer circular moeda falsa; falsificação de documentos, especialmente passaportes, empréstimo fraudulento, contra depósito de notas falsas de 1000 francos. No estado actual da instrução, a polícia húngara, de acordo com os delegados franceses, fazem todos os esforços por conseguirem saber qual a quantidade exacta das notas que foram fabricadas, e qual a quantidade que foi destruída.

## Na Espanha inquisitorial

### O martírio dos presos no cárcere de Cartagena

Dois camaradas, Clemente Mangado e Pascual Pérez, que estavam havia mais de dois meses amarrados à «branca» e dormindo no chão, vendo-se doentes e sem força para se manter em pé, debilitados por passarem todo esse tempo a pé e a água, e com ossos doloridos por terem que dormir sobre as pedras húmidas do calabouço, decidiram reclamar camas ao director daquele antro inquisitorial; este, porém, longe de aceder ao pedido, que lhe fizera os nossos dois camaradas, e que qualquer outro homem que não tivesse sentimentos de hiena, ao ver o seu estado de saúde, lhes teria concedido, fez com que lhes dessem uma formidável traria com o knut, ou seja, um látigo com bocados de chumbo nos extremos, que arrancam a pele a cada golpe que se descarrega sobre o corpo da vítima, e enquanto não os viu escorrendo sangue em abundância, não os deixou, para os enviar logo às celas de castigo, e de novo amarrá-los às suas correspondentes «brancas».

Inteirou-se disto o camarada Matheu, e dirigiu-se ao director daquele, feudo para lhe expressar o seu mais energético protesto contra semelhante iniquidade, porém como os protestos dum homem de vergonha e de dignidade não os podem ter em conta os infames chulos de bordel, como o são tédia aquela quadrilha de energumensos, o nosso camarada foi fazer companhia aos que tinham sido tão cruelmente martirizados.

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar perante o director, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Durante a noite, quando Matheu se encontrava dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado o seu advogado, e que não tinha recebido. A resposta por parte do esbirro foi uma sarcástica gargalhada, dizendo-lhe «que se tinha amaldiçgado com ela.»

Matheu, aproveitando o momento de se encontrar dormindo, apresentou-se o diretor, perguntou-lhe o que tinham feito dum carta que lhe tinha mandado



# A BATALHA

A luta impensável que a todos nos impõe a sociedade actual, deve inspirar-se no mais elevado sentido humanitário.

## A greve dos ferroviários de Lourenço Marques

Um comovente apelo dos grevistas aos trabalhadores de Portugal

Os ferroviários de Lourenço Marques, em luta neste momento contra as prepotências do Alto Comissário de Moçambique, acabam de dirigir aos trabalhadores de Portugal o comovente apelo que a seguir publicamos:

*"Comarovas: Há 36 dias, que uma classe composta de 700 homens, se lançou numa greve ordeira para conquistar os direitos que uma reorganização viu lhes pretendida.*

As regalias concedidas pelos ex-governadores Alvaro da Castro, Massano de Amorim e J. J. Machado, foram cortadas cerca, sem um aviso, sem uma consulta à classe.

Própriamente as 8 horas de trabalho, que fazem parte dum cláusula do tratado de paz, esse direito era tirado aos trabalhadores ferroviários pelo processo mais repelente que se pode imaginar.

Citemos um exemplo:

Um maquinista de guindastes, entrando das 7 às 17 e com 2 horas para almoço, terá prestado 8 horas de serviço mas, se defronte do seu guindaste não atracar pelo dia adiante, nenhum vapor, o Estado só conta 3 horas a esse serventário porque segundo o critério tóxico, não estando o guindaste a trabalhar, não admite que o trabalhador estivesse ali amarrado durante 8 horas, sem poder abandonar o seu posto.

Mas o maior crime destaca-se quando são os serviços noturnos, pois que os funcionários, são obrigados a pagar com o seu suor, o facto de não ter atracado navio e por isso terem ficado a dever ao Estado 5 horas diárias, que terão que pagar com 5 nocturnas!

Isto não é a verdadeira escravatura com brancos?

Então desmentem ai aos quatro ventos que Portugal exerce a escravatura nas Colónias (nós o sabemos e disso havemos de falar claro) e obrigam-se os trabalhadores a trabalhar 8 horas só lhe contando 3 e isto no propósito de explorar nos serviços extraordinários.

Trabalhadores de Portugal!

O nosso inimigo é universal; ele aparece em todos os recantos, pretendendo impor as ideias odiosas de Torquemada é tudo no sentido de aniquilar os trabalhadores.

Os ferroviários de Lourenço Marques, classe consciente e martirizada pelas deportações de 1917 e 1920, não sabe se a hora em que esta vos chegue às mãos, teve ou não sido bombardeados, pelos tiros das carabinas ou no fundo de algum cárcere distante, alguns dos seus membros que têm defendido a classe com todo o ardor.

E' mesmo possível que dos 300 ferroviários que estão presos, alguma centena tenha sido deportada mas a sua rehabilitação há-de fazer-se pela força das circunstâncias e pela grande razão que lhes assiste. Com os ferroviários está a opinião honesta e unânime da Colónia.

Pretemos Liberdade!

Se os menequeiros que dai são enviados para as Colónias não vêm na disposição de respeitar as liberdades que a cada um estão consignadas, restam-nos o direito de agitar bem alta a bandeira da independência ou de qualquer outra forma que não seja a tirania dos srs. Altos Comissários.

A negros armados, têm sido dadas ordens de agredir brancos, havendo bastantes vítimas a lamentar, umas com ferimentos graves e outras de somenos importância, tudo obra da coronhada dada por negros.

Há dois subditos ingleses feridos, entre eles uma senhora, e o português José da Costa Fialho.

A cavalaria, onde se tem destacado dois tenentes, Amado e Lage, tem acutilado a população sem o menor respeito por quem for.

Uma criança de 13 anos foi perseguida e já dentro do escritório lhe aplicaram saraiva!

Em Moçambique respira-se terror e cheira a sangue.

Se os portugueses, neste momento, lhes preguntasse se admitiam uma intervenção estrangeira — tal o terror — estes pobres aceitariam a perda da província mas quereriam viver livres deste pesadelo de tirania e de opressão.

E nota! oh trabalhadores!

Em Portugal nada se sabe porque se estabeleceu aqui a censura telegráfica e pediu-se à União — onde chegou o arrijo, e isto para se conservarem no lugar — para não permitir a saída de telegramas para Lisboa.

Canaradas!

O governo de Lourenço Marques, governou que está fora da lei porque a população numa greve geral de 8 dias mostrou que pretendia a sua saída imediata, declarou guerra com armas à classe ferroviária.

A maioria dos seus componentes, para fugirem as deportações que sempre usam, espalhou-se pelo mundo, onde se conservam há 36 dias.

300 estão a ferros, onde lhes é dada fariña em baldes e isto no intento de que se rendam.

Trabalhadores de Portugal! — Entre vós há idealistas e tendes que admitir que a classe ferroviária, ao dirigir-se-vos, não é por sentir fraca, mas porque quer que vós ai protesteis contra esta guerra covarde de vencer, com armas, quem tem oferecido a armada a união que tem que ganhar todos as causas.

Canaradas! — Dizei ai claro e alto, que em Moçambique, o sr. Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, contra a vontade expressa da população, tem como lei o arbitrio e assim vai defendendo as suas 600 libras em manifesto prejuízo da província que vai suceder a duma classe laboriosa que pretende matar.

Dizei ai a esses poltronas que falam em colonização, que o sr. Azevedo Coutinho, para não revogar uma reorganização infame que traria de lucros 800 libras (oitocentas libras anuais) deixou que se tivessem perdido até agora (17 de dezembro de 1925) cerca de 150.000 libras.

Caminhos de ferro e porto continuam palivados até que alguém se lembre que as notícias oficiais e os telegramas do sr. Azevedo são um repositório de mentiras.

Solidariedade, camaradas!

Defendei os vossos camaradas que estão sendo escravizados em Lourenço Marques.

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

## Os proprietários ingleses de minas preparam a fogueira

Os proprietários das minas de carvão de Inglaterra terminaram já o relatório a apresentar perante a «Comissão do Carvão» o qual — embora contra o que havia sido combinado — fizeram publicar no *Morning Post*, o órgão do reactionário duque de Northumberland.

Para resolver a actual crise, inerente ao sistema capitalista, e que portanto só pode desaparecer com a sua destruição, os proprietários das minas propõem que se volte as oito horas de trabalho nos poços, que os salários e as condições de trabalho sejam reguladas em cada distrito, e que se reduzam as tarifas dos caminhos de ferro.

Além disso também pretendem esmagar a Federação dos Mineiros, dizendo o *Morning Post* que a actual crise é motivada mais pelo desejo dos leaders de realizarem a sua aspiração de passarem as minas para os mineiros do que pelo descontentamento das massas trabalhadoras. Estas, segundo aquele pasquim afirmam, não são das que mais se devem queixar, visto que outras classes estão muito mais mal pagas, e não se revoltam.

Cook, o secretário da Federação dos Mineiros, refutou tódas estas declarações, dizendo que os mineiros não aceitariam os contratos de salário feitos por cada distrito, pois que já recusaram propostas vantajosas feitas neste sentido em Julho último.

Entre outras outras histórias, os proprietários das minas contaram que tinham perdido durante os dois primeiros meses, em que o governo lhes começou a pagar o subsídio, nada menos do que 588.189 libras, ou seja um equivalente a 3 dinheiros por tonelada aproximadamente.

Tudo isto comprova que eles não estão dispostos a renunciar de forma alguma a fabulosas somas que se acostumaram a ganhar, e por isso é inevitável na próxima primavera o violento choque entre os mineiros e os seus exploradores — choque que poderá ser o inicio dum nova era mais feliz para aqueles que não vivem à custa do trabalho aítheo.

Na Suécia, durante Novembro último, a crise de trabalho agravou-se a ponto de subir 37 por cento o número de desempregados. Dezito mil operários estão sendo subvençados pelo Estado, mais de dois mil foram colocados nas obras auxiliares do Estado, mais do dobro que no ano passado. O governo social-democrata emprega esforços para debelar a tremenda crise, mas não passou ainda de paliativos determinados pelo interesse político e industrial, sendo a abertura de obras públicas — tal como em Portugal — o recurso supremo para atenuar a falta de trabalho.

No Sul da Suécia, durante Novembro último, a crise de trabalho agravou-se a ponto de subir 37 por cento o número de desempregados. Dezito mil operários estão sendo subvençados pelo Comité de Defesa. Apelou-se para todos os meios que permitiam evidenciar a existência dum erro judicial. Porém, a justiça yankee é infeliz... «Como podem os juízes aceitar um «equivoco consciente», que outra coisa não é a que serve de base a esse processo contra dois homens acusados de delito comum, pelo simples facto de serem anarquistas?

Sacco e Vanzetti estão condenados à morte. Nenhum tribunal dos Estados Unidos os absolverá se o protesto do proletariado não forçar a um verídico julgamento. Compete, pois, a todos os homens conscientes, aos anarquistas, agitar a causa dessas vítimas da plutocracia yankee, demonstrando aos verdugos do Norte que os martirizados prisioneiros de Dedham não estão sós.

Iniciando a campanha de agitação em prol de Sacco e Vanzetti, «Cultura Obrera», de Nova York, dirige um apelo aos trabalhadores de todos os países. Este é o grito clamoroso que nos chega da Fenícia do Norte. Salvemos Sacco e Vanzetti! Para salvar da cadeira eléctrica esses dois rebeldes que agonizam na cadeia de Yanquilandia, todos os esforços são necessários e todas as vontades preciosas. Negaremos nós o nosso concurso a essa acção justiciera contra o proletariado internacional?

No último apelo que os camaradas dos Estados Unidos dirigiram a todos os anarquistas para salvar Sacco e Vanzetti, sobrebas e o clamoroso eco de todos os infelizados que esperam a morte nos ergástulos do capitalismo.

Eis aqui o apelo que decerto será ouvido por todos os homens de coração sensível e de sentimentos nobres:

Sacco e Vanzetti são hoje os que sofreram a fria carícia da morte. Evitemos tal crime. Gritemos alto todos os anarquistas do mundo inteiro. Pensai um momento que é um condenado à pena de morte e sentireis a dolorosa sensação que experimenta todo o ser condenado ao saber que em breve insiste a morte ensanguentada do verdugo farão rolar no solo sua cabeça cheia de sonhos, com o horrível e macabro esgar do espanto. Pensai misto e salvaremos Sacco e Vanzetti.

Atendamos a que se não provocou outro crime senão o de serem anarquistas. Esse é o seu único delito. O horrendo crime pelo qual foram condenados à morte pelos juízes desta mal chamada terra da liberdade, onde se espalha a liberdade, como sucede no resto do mundo.

Há que salvar a vida destes inocentes. A sua liberdade depende de nós, trabalhadores. Sejamos solidários em prol da liberdade dos oprimidos. Envolta no véu da obscuridade, amparada por nefastas e absurdas leis, a arma da ignomina, empunhada pela mão do polvo em homenagem ao seu Owner, ameaça fundir-se nos peitos libertários em que palpitan dois corações nobres, duas almas grandes e generosas, vítimas dum sistema corrupto e mártires dum ideal de redenção humana. Duas almas cheias de esperança e de sonhos luminosos que aspiram fazer deste mundo outro melhor cheio de felicidade, onde se convertam os homens em irmãos, para desterrar de nós o fantasma do ódio.

Façamos justiça à inocência dos nossos camaradas caídos, porém, não vencidos. «Conseguiremos libertá-los? E' de esperar. Creímos que se vierem livres, coroados pelo êxito pela vitória. Para tanto será mister lutar muito, mas conseguir-há. Tenhamos a esperança, já que a esperança é a alentadora em todos os casos. Estes camaradas fazem-nos falta no campo da luta. Para conseguirmos a sua libertação é necessária a colaboração de todos os trabalhadores: os protestos, os comícios. As súplicas até hoje têm sido inúteis e nossos irmãos permanecem presos.

Trabalhadores: Solidariedade para esses camaradas, lutemos até os arrancar das garras da fera. O não proceder assim é de cobardes, de homens sem coração. A mais ampla ideia redentora que pode conceber o cérebro humano, a que há-de pôr fim a todas as injustiças sociais, emancipando da escravidão económica e moral os milhões de párias que gemem neste planeta, sob o latigo do Estado, teve neles os seus genuínos representantes.

A vos, inolvidáveis companheiros no ideal anarquista, lembraremos que estais dando ao mundo inteiro o exemplo do valor que infunde a convicção do ideal, suspidos no falso progresso desta hipocrisia burguesa que procura sufocar a voz da consciência livre e matar o pensamento com o acto de barbarie que pretendem levar a cabo. Porém, não têm em conta esses malfeitos, esses perturbadores da liberdade que se rendem

## A crise de trabalho na Europa Central

A maior expressão da falência que o capitalismo vem revelando, são as longas crises de trabalho. É possível que o estorvo burguês ainda se prolongue infinitamente, mas não é possível que o capitalismo regresse ao caminho do desafogo e da prosperidade. Porque a prosperidade do capitalista só pode ser alcançada sobre as privações e sofrimentos dos trabalhadores, e os trabalhadores vão tornando-se conscientes do seu direito humano à existência livre e desafogada.

A crise que a desordem capitalista vem desfigurando parece já irremediável, e cada dia assume aspectos muito mais graves.

A Alemanha, a falta de trabalho duplicou na primeira quinzena de dezembro último. Durante este período, o número de desocupados beneficiando das pensões do Estado subiu de 673.315 até 1.057.031. Sabendo-se que só uma terça parte dos desocupados recebem subsídios, pode avaliar-se facilmente que na Alemanha se encontram trabalho mais de três milhões de operários.

A situação económica mostra aterradora tendência para uma catastrofe de proporções ainda maiores.

O tribunal de Dedham encontrou um re-

cuso excepcional — para manter o seu verdicto e obstaculizar a revisão do processo:

declarou Nicolau Sacco doente, depois da

prolongada greve da fome feita por aquele camarada, e posteriormente alegou a loucura de Bartolomeu Vanzetti. Mas o juiz Thayer, comprometido a condenar, não tomou em consideração nem a retratação das testemunhas, nem os informes judiciais, nem a situação legal dos condenados ao tempo que estavam a ser julgados.

Verificou-se suposta, a demência dos dois processados serviu para prolongar a revisão do processo, sem que essa demência fosse reconhecida.

Na Suécia, durante Novembro último, a crise de trabalho agravou-se a ponto de subir 37 por cento o número de desempregados.

Dezito mil operários estão sendo subvençados pelo Estado, mais de dois mil foram colocados nas obras auxiliares do Estado, mais do dobro que no ano passado.

O governo social-democrata emprega esforços para debelar a tremenda crise, mas não passou ainda de paliativos determinados pelo interesse político e industrial, sendo a abertura de obras públicas — tal como em Portugal — o recurso supremo para atenuar a falta de trabalho.

No Sul da Suécia, durante Novembro último, a crise de trabalho agravou-se a ponto de subir 37 por cento o número de desempregados.

Dezito mil operários estão sendo subvençados pelo Comité de Defesa. Apelou-se para todos os meios que permitiam evidenciar a existência dum erro judicial. Porém, a justiça yankee é infeliz... «Como podem os juízes aceitar um «equivoco consciente», que outra coisa não é a que serve de base a esse processo contra dois homens acusados de delito comum, pelo simples facto de serem anarquistas?

Sacco e Vanzetti estão condenados à morte. Nenhum tribunal dos Estados Unidos os absolverá se o protesto do proletariado não forçar a um verídico julgamento.

Comeremorando o 4º aniversário da Junta Humanitária «Amor e Cariño» de Beneficência Infantil da freguesia da Sé, realizou-se amanhã, pelas 14 horas, uma sessão solene, nas salas da Cozinha Económica nº 5 (Terreiro do Trigo), onde serão vestidas e calçadas 42 crianças mais necessitadas da freguesia da Sé.

Os conferecentes recomendaram à Federação para se juntar ao Conselho Geral das Trade Unions e ao Partido Trabalhista a fim de conseguirem a imediata libertação dos presos.

Quando Daniel Davies, um dos presos, que já cumprira a sua sentença de dois meses, entrou na sala da conferência foi-lhe feita uma calorosa recepção.

Um manifesto da C. G. T. francesa

A conferência especial da Federação dos Mineiros de Gales do Sul protestou veemente contra as severas sentenças a que foram condenados alguns mineiros, que tomaram parte recentemente na greve de Julho.

Comemorando o 4º aniversário da Junta Humanitária «Amor e Cariño» de Beneficência Infantil da freguesia da Sé, realizou-se amanhã, pelas 14 horas, uma sessão solene, nas salas da Cozinha Económica nº 5 (Terreiro do Trigo), onde serão vestidas e calçadas 42 crianças mais necessitadas da freguesia da Sé.

Os conferecentes recomendaram à Federação para se juntar ao Conselho Geral das Trade Unions e ao Partido Trabalhista a fim de conseguirem a imediata libertação dos presos.

Quando Daniel Davies, um dos presos, que já cumprira a sua sentença de dois meses, entrou na sala da conferência foi-lhe feita uma calorosa recepção.

Um manifesto da C. G. T. francesa

A conferência especial da Federação dos Mineiros de Gales do Sul protestou veemente contra as severas sentenças a que foram condenados alguns mineiros, que tomaram parte recentemente na greve de Julho.

Comemorando o 4º aniversário da Junta Humanitária «Amor e Cariño» de Beneficência Infantil da freguesia da Sé, realizou-se amanhã, pelas 14 horas, uma sessão solene, nas salas da Cozinha Económica nº 5 (Terreiro do Trigo), onde serão vestidas e calçadas 42 crianças mais necessitadas da freguesia da Sé.

Os conferecentes recomendaram à Federação para se juntar ao Conselho Geral das Trade Unions e ao Partido Trabalhista a fim de conseguirem a imediata libertação dos presos.